



Rússia testa míssil balístico intercontinental de nova geração capaz de transportar ogivas nucleares. Presidente russo comemora sucesso e diz que armamento fará países pensarem duas vezes antes de intimidarem Moscou. Ucrânia propõe negociação em Mariupol

O recado de Putin para o Ocidente

» RODRIGO CRAVEIRO

O aviso do Kremlin veio em forma de lançamento do Sarmat, um míssil balístico intercontinental de nova geração capaz de alcançar alvos a 18 mil quilômetros de distância e de carregar ogivas nucleares. Às 15h12 de ontem (9h12 em Brasília), o projétil alcançou o céu no cosmódromo de Plesetsk, 800km ao norte de Moscou. Enquanto os bombardeios prosseguiram na Ucrânia e pouco depois do teste bélico, o presidente russo, Vladimir Putin, comemorou o sucesso do disparo em tom de intimidação. “Ele (Sarmat) não tem análogo no mundo e não terá por muito tempo. Essa arma verdadeiramente única reforçará as capacidades de combate das nossas forças armadas, protegerá de forma confiável a segurança da Rússia contra ameaças externas e fará aqueles que ameaçam nosso país com uma retórica desenfreada e agressiva pensarem duas vezes”, declarou Putin.

O major-general russo Igor Konashenkov, porta-voz do Ministério da Defesa da Rússia, explicou que o míssil atingiu o objetivo a mais de 5 mil quilômetros de Plesetsk: a Península de Kamchatka, no extremo leste. “Uma vez finalizado o programa de provas, o Sarmat passará a fazer parte das forças estratégicas russas”, assegurou. Os Estados Unidos minimizaram a importância do teste. Segundo John Kirby, porta-voz do Pentágono, Moscou “notificou devidamente” Washington sobre o lançamento, em virtude de obrigações impostas pelo Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP). Ele também disse que o Sarmat não representa uma ameaça para os EUA e seus aliados.

Diretor de Estratégia, Tecnologia e Controle de Armas do Instituto Internacional para Estudos Estratégicos (em Berlim), William Alberque afirmou ao **Correio** que a Rússia tinha realizado os chamados “testes de ejeção”, nos quais o míssil é empurrado para fora do silo e há o acionamento

do primeiro estágio do lançamento. “Essas operações ocorreram em dezembro de 2017, em março de 2018 e em maio do mesmo ano”, lembrou. “O teste de hoje (ontem) é, supostamente, o primeiro completo de todos os estágios, com a Rússia relatando que as ogivas alcançaram a Península de Kamchatka, a cerca de 5.700km. Vale destacar que Moscou pretendia realizar este teste na primavera de 2019, mas os mísseis somente começaram a ser posicionados no silo em 2021. O programa está significativamente atrasado.”

Por sua vez, Nikolai Sokov, especialista do Centro para Desarmamento e Não Proliferação de Viena (VCDNP), considerou o lançamento do Sarmat como “um evento rotineiro”. “O programa estava em andamento desde 2011 e chegou a uma conclusão lógica após um atraso de aproximadamente 42 meses”, disse à reportagem. Ele vê “provável coincidência” no fato de o teste ter sido feito no momento em que a Rússia trava uma guerra. “É óbvio que declarações propagandísticas inevitáveis foram dadas por ocasião do teste, mas não são diferentes de afirmações similares sobre a conclusão de outros programas bélicos anteriores.”

De acordo com Sokov, o Sarmat foi desenhado com o propósito de penetrar o sistema de defesa antimísseis dos Estados Unidos, além de ser parte da capacidade dissuasiva nuclear da Rússia. “A escolha por um míssil balístico intercontinental pesado foi determinada por sua versatilidade: ele pode carregar muitas variantes de carga útil — várias ogivas, além de auxiliares de penetração de defesa projetados para enganar um sistema de defesa antimísseis e manobrar ogivas supersônicas”, comentou.

Ajuda

No front, a cidade portuária estratégica de Mariupol (sudeste) estava prestes a cair nas mãos dos mercenários e dos soldados russos. O negociador ucraniano e assessor presidencial Mijailo Podoliak propôs a realização de

Ministério da Defesa da Rússia



Missil Sarmat lançado a partir do cosmódromo de Plesetsk, em Arkhangelsk, noroeste da Rússia



Arquivo pessoal

“Nós imploramos por ajuda”

Em vídeo divulgado na terça-feira, Sergey Volyna (foto) — comandante da 36ª Brigada de Fuzileiros Navais do Exército ucraniano — pediu ajuda para ele e seus homens não morrerem. “Este pode ser o último apelo de nossas vidas. Provavelmente estamos enfrentando nossos últimos dias, senão horas. O inimigo nos excede em número de 10 para 1. Eles têm vantagem no ar, na artilharia, nas forças terrestres, em equipamentos e em tanques. Nós estamos defendendo um único objeto, a indústria Azovstal, onde, além de militares, há civis que se tornaram vítimas dessa guerra. Nós apelamos e imploramos aos líderes mundiais para que nos ajudem. Pedimos que usem o procedimento conhecido como ‘extração’ e nos levem ao território de um Estado que seja um terceiro ator (na guerra)”, afirmou.

uma “rodada especial” de negociações na própria Mariupol, “sem nenhuma condição”. David Arakhania, outro negociador ucraniano, assegurou que ele e Podoliak estão “preparados para ir a Mariupol e conversar com o lado russo sobre a retirada de nossa guarnição militar e dos civis”. Militares seguiam entinchados em uma planta siderúrgica.

Em visita a Kiev, Charles Michel — presidente do Conselho Europeu — se reuniu com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e prometeu que fará “todo o possível” para que a Ucrânia “ganhe a guerra”. “Vocês não estão sozinhos. Estamos junto com vocês e faremos todo o possível para apoiar seus esforços”, declarou. O secretário-geral da ONU,

António Guterres, enviou cartas a Zelensky e a Putin solicitando ser recebido em Kiev e em Moscou. “Ele quer discutir medidas urgentes para trazer paz à Ucrânia e o futuro do multilateralismo”, disse o porta-voz, Stéphane Dujarric. Tropas russas mantêm combates no Donbass (leste), região parcialmente controlada pelos separatistas pró-Moscou.

Três perguntas para

Sergiy Taruta, parlamentar ucraniano e ex-governador de Donetsk (entre março e outubro de 2014), na região de Donbass. Nascido em Mariupol

Arquivo pessoal



Como o senhor vê a ofensiva russa no Donbass?

A Ucrânia não tem outra opção que não seja repelir o ataque das tropas russas no Donbass. Nós devemos retornar os territórios ucranianos às fronteiras de 2014 que existiam antes da invasão russa e da anexação da Crimeia. Caso contrário, teremos a situação de 2014 — de conflito latente. Em 56 dias de resistência, a Ucrânia mostrou não apenas que pode manter posições, mas também repelir a ofensiva das tropas russas. Para a Ucrânia, existe apenas um resultado possível: a vitória. Para nós, ucranianos, é uma questão de sobrevivência enquanto nação. Creio que temos tudo para vencer: espírito, vontade, apoio dos parceiros ocidentais e oito anos de experiência em repelir a agressão russa.

O teste com o míssil balístico intercontinental russo preocupa o senhor?

Putin ama o show. O teste desse míssil é o novo show de Putin. Ele o faz para instilar medo, pois o medo cega a determinação. Os ucranianos lutam pela independência. Ter medo está fora de nosso roteiro. Putin é capaz de qualquer coisa, incluindo usar armas nucleares na Ucrânia. Mas sabemos como defender, contra-atacar e destruir. Nós transformaremos suas armas em sucata.

Há o risco de a Rússia realizar nova tentativa de captura de Kiev?

Teoricamente, existe tal possibilidade. Na prática, porém, dada a presença das forças ucranianas e o moral de nossas tropas, essa probabilidade é pequena. (RC)

CASO WIKILEAKS

Assange mais perto da extradição aos EUA

O fundador do site WikiLeaks, Julian Assange, está mais próximo da extradição para os Estados Unidos, algo que tenta evitar há 10 anos. Ontem, a Justiça britânica emitiu a ordem formal para entregá-lo a Washington. Depois de rejeitar, em março, “a permissão para apelar” solicitada pelos advogados do australiano, a Suprema Corte britânica determinou a transferência do caso para a ministra do Interior, Priti Patel, que tem a última palavra em qualquer extradição. Foi justamente o que fez o juiz Paul Goldspring, durante uma audiência de apenas sete minutos, no Tribunal

de Magistrados de Westminster.

A defesa de Assange tem até 18 de maio para apresentar suas alegações a Patel, com a esperança de que a ministra autorize o último recurso. Os advogados também podem tentar uma nova apelação sobre outros aspectos jurídicos do caso. O australiano, de 50 anos e que está na penitenciária londrina de Belmarsh, participou da audiência por videoconferência. Ele está trancafiado desde sua detenção, em abril de 2019, pela polícia britânica na Embaixada do Equador, em Londres, depois que o então presidente

Justin Tallis/AFP



Jeremy Corbyn, ex-líder trabalhista, em ato diante da Corte Londrina

Lenín Moreno retirou a proteção que o antecessor Rafael Correa havia concedido a Assange.

Em uma violação às condições de sua liberdade condicional no Reino Unido, o fundador do WikiLeaks se refugiou na representação diplomática equatoriana em 2012 para evitar ser extraditado à Suécia por acusações de estupro, que depois foram arquivadas. Dezenas de pessoas protestaram diante do tribunal contra a possibilidade de extradição de Assange. “Sem pessoas como Julian, nunca saberemos a verdade, e nossos governos podem nos pisotear, mentindo para nós”, declarou

à agência France-Presse Val, uma aposentada de 73 anos que não revelou o sobrenome.

A justiça dos Estados Unidos deseja julgar o australiano pela divulgação, a partir de 2010, de mais de 700 mil documentos confidenciais sobre atividades diplomáticas e militares americanas, em particular no Iraque e Afeganistão. Entre os documentos estava um vídeo que mostrava civis, incluindo dois jornalistas da agência Reuters, mortos por tiros de um helicóptero de combate americano no Iraque em julho de 2007. Acusado de espionagem, se for declarado culpado Assange pode ser condenado a 175 anos de prisão.